

FOBIA ESCOLAR: A ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO EM CRIANÇAS EM IDADE PRÉ ESCOLARÉlide Kessler Ávila¹, Claudia de Souza Eckert¹ e Marjane Bernardy Souza¹

RESUMO - Este artigo tem como objetivo abordar, através de estudo bibliográfico, de que forma a angústia de separação influencia no desenvolvimento sócio emocional da criança pré-escolar, se apresentando como fobia escolar. Também cabe salientar a importância da diferenciação e caracterização do quadro específico de fobia escolar, composta de intenso sofrimento emocional e sintomatologia grave, transcorrida por período determinado, de quadros de temores passageiros, desencadeados por situação específica. A metodologia utilizada se deu através de revisão crítica e assistemática. A revisão de literatura foi adquirida através de material já produzido. Esta pesquisa utilizou-se de obras clássicas e também artigos e revistas nos portais SciELO (Scientific Electronic Library Online) e APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Observamos uma estreita relação entre as fases do desenvolvimento infantil primitivo, com suas ansiedades também primitivas, e o desenvolvimento do quadro fóbico escolar. A relação da díade mãe - bebe e suas vicissitudes, assim como a resolução do complexo de Édipo, fundamentam as capacidades subjetivas que a criança necessita para inserir-se, de maneira adequada, no contexto social, fora do sistema familiar.

Palavras-chave: Angústia. Fobia escolar. Pré-escola.

ABSTRACT - This article aims to discuss, based on a bibliographical study, how anxiety of separation influences the socioemotional development of preschool children, which affects the scope of school phobia. In this sense, it is relevant to highlight the importance of differentiate and characterize the specific school phobia, which is composed by intense emotional distress and severe symptoms, in a specific period of time, like temporary fears triggered by a specific situation. The methodology is based on a critical and unsystematic review. The literature review considered researches developed in the knowledge field. Thereby, this paper dialogues with classic works as well as with articles and journals available on SciELO (Scientific Electronic Library Online) and APPOA (Associação de Psicanalítica de Porto Alegre) websites. Most of the studies showed a close relationship among the stages of children's primitive development, with its primitive anxieties, and the development of a school phobic disorder. The relationship between mother and baby and its changes as well as the solution of oedipus complex, underlie the subjective capacities that children need in order to fit themselves to the social context outside the family system.

Keywords: Anguish. School phobia. Preschool.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 2 – 2017.



1. Curso de Psicologia.
Universidade Luterana do Brasil
– ULBRA – RS/Brasil.

E-mail para contato:
Élide Kessler Ávila
marjanesouza@yahoo.com.br

Recebido em: 15/09/2017.
Revisado em: 16/10/2017.
Aceito em: 26/11/2017.

Área:
Atenção à saúde e bem estar.

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a um tema muito comum na infância e por vezes mal compreendido, porém, se confirmado, acaba por acarretar muito sofrimento e problemas no desenvolvimento infantil. A fobia escolar é um dos distúrbios mais comuns observados em crianças em séries iniciais, para muitas pessoas é tido como “manha”, “preguiça”, ou “birra”. Mas na verdade alguns sintomas podem, de fato, caracterizar um distúrbio grave, se estes forem observados por um período extenso dentro do contexto do desenvolvimento infantil, ocasionando grande sofrimento e podendo se agravar ao longo da vida da criança caso não seja identificado e tratado adequadamente. Muitas crianças quando iniciam sua vida escolar tem como este o primeiro grande afastamento da mãe, podendo a angústia de separação se transformar em um impedimento de uma inserção mais tranquila, ou seja, a excessiva angústia de se separar de um ente querido, mesmo que por poucas horas, acarretando diversos sintomas. Ao iniciar sua jornada escolar a criança se depara com um ambiente novo e diferente, longe do vínculo familiar, assim, o ambiente escolar muitas vezes é percebido como ameaçador. A escola é um marco na estrutura do desenvolvimento infantil.

Ansiedade Realista e Angústia Neurótica

Segundo Cabral e Nick (2006), a ansiedade é um estado emocional desagradável resultante da apreensão pelo contato com um perigo ameaçador à integridade do sujeito. No caso de perigos reais, com objeto definido, temos como resultante a ansiedade realista, entretanto, diante de perigos desconhecidos, fora do acesso à consciência, temos a ansiedade neurótica.

Conforme Cabral e Nick (2006, p.26) apud Freud,

“este fez uma descrição genética da angústia neurótica, atribuindo a cada fase da vida do indivíduo uma determinante própria deste estado”. (1) o medo de nascimento, (2) medo de separação da mãe (formação da histeria), (3) o medo de castração (formação das fobias), (4) o medo do superego (formação das neuroses obsessivas), (5) o medo da morte. Estas manifestações são de ordem subjetiva (sentimentos de apreensão nem sempre suscetíveis de descrição cabal). Passando pelas distintas estruturas da neurose, nota-se que a fobia seria a formação clínica que melhor poderia servir de exemplo para analisar as relações entre a angústia, o sintoma e a inibição”.

De acordo com Dalgalarrodo (2008), nos casos de ansiedade generalizada, ou seja, livre e flutuante, há a presença de sintomas excessivos pelo período mínimo de seis meses. Nestes quadros há prevalência de sintomas como insônia, dificuldade em relaxar, angústia constante, irritabilidade aumentada e dificuldade em concentrar-se. Há, ainda, os sintomas de

origem física, como cefaleia, dores musculares, dores e/ou queimação abdominal, taquicardia, tontura, formigamento e sudorese fria.

Na busca de explicar como se constitui o sujeito nessa estrutura fóbica, abordarei a teoria de Mahler e Freud/Lacan.

Processo de Separação Individuação e Formação das Fobias

Neste tópico abordar-se-á os conceitos de ansiedade e angústia como sinônimos. Desta forma, Zimmerman (2009), afirma que a angústia de separação é tida como a mais frequente expressão de angústia na prática clínica. Apesar de estar ligada a uma série de fatores, abordados por renomados autores, todos convergem num elemento comum que é o medo do sujeito perder o controle sobre o objeto de amor.

Segundo (MAHLER, 1982, p.96), “A relação de objeto desenvolve-se pare e passo com a diferenciação da unidade dual normal mãe-bebê e nela se fundamenta”. Antes do processo de separação-indivuação o bebê passa por uma fase chamada de autismo normal, onde não há presença de objeto e uma fase simbiótica onde o bebê e a mãe não possuem fronteiras externas, ou seja, mãe-bebê são um só.

O processo de separação-indivuação é descrito por Mahler (1982) através de quatro subfases: Diferenciação, exploração, reaproximação, e “a caminho da Constância do objeto libidinal”. Na subfase de diferenciação, que se inicia em torno de 4-5 meses, há o rompimento da “órbita simbiótica comum mãe-bebê”, a atenção do bebê agora é dirigida para fora de si mesmo através do aumento crescente dos períodos de vigília. De 6-7 meses o bebê intensifica o contato exploratório da figura materna através da exploração manual, tátil e visual. Nesse período iniciam-se o engatinhar próximo aos pés da mãe e brincadeiras aos pés da mesma. Nessa fase é observado breve período de elevação da ansiedade de separação.

O período de exploração justapõe-se ao período de diferenciação, por volta dos 7-10 meses, numa fase de exploração inicial o bebê torna-se capaz de separar-se fisicamente da mãe, num processo crescente de engatinhar, levantar e endireitar-se ainda que com apoio. Num segundo momento, em um período de exploração mais fundamentada, que tem seu início por volta de 10-12 meses, percorrendo até por volta de 16-18 meses, há um incremento das funções autônomas, principalmente a locomoção. Nesta fase o bebê adquire locomoção livre em postura vertical. Ainda nesta fase, pode-se perceber uma insensibilidade perante a frustração, a criança parece ignorar quedas e batidas, decorrentes da sua exploração constante. Segundo (MAHLER, 1982, p.100) existem três manifestações inter-relacionadas ligadas aos primeiros passos da criança para a percepção da sua separação e individualização, são elas: “a rápida diferenciação

corporal entre ela e a mãe; o estabelecimento de um vínculo específico com a mesma; o crescimento e funcionamento dos aparelhos autônomos do ego em íntima proximidade com a mãe”. Nessa subfase também tem início o interesse do bebê por objetos inanimados, ele explora-os visualmente, tocando-os e levando-os à boca. Parte do interesse do bebê desloca-se da mãe para o mundo externo, entretanto continua necessitando da mãe como ponto de base.

Posteriormente dá-se início a subfase de reaproximação, que tem seu início por volta de 16-25 meses, nesta fase há uma acentuada diminuição do interesse de locomoção e exploração, enfraquecimento acentuado da insensibilidade à frustração, aumento da ansiedade de separação, a ignorância da presença materna, anteriormente observada, agora dá lugar a uma conduta ativa de aproximação desta. Há uma busca contínua de interação com a mãe, pai e demais adultos da família, um aumento da linguagem oral e brincar simbólico. Nesta fase a criança consegue adquirir uma integração dos conteúdos bom e mau dela e da mãe. Gradualmente a criança percebe que os pais, o “objeto de amor”, são indivíduos separados com seus próprios interesses. Observa-se que dentre as funções autônomas do ego, a locomoção tem papel fundamental no processo de rompimento da díade primitiva para o surgimento do nascimento psicológico da criança.

Seguindo essa posição mãe/bebê, Lacan in Dor (1989) em o Estádio do espelho, nos apresenta a experiência durante a qual a criança faz a conquista do seu próprio corpo. A identificação primordial da criança com essa imagem irá promover a estruturação do eu”. Nos primórdios de sua vida mental o bebê não experimenta seu corpo como uma imagem unificada.

Quando o bebê olha para o rosto da mãe ele deve ver a ele mesmo, no sentido que, quando a mãe está olhando para o bebê em conexão com o mesmo, ele pode ver a si mesmo, ou seja, um reconhecimento através do olhar da mãe. Lacan (1949/1998), descreve que o bebê, por volta de seis meses, vivencia um impulso interno que precipita da insuficiência à antecipação a imagem desintegrada do seu corpo, atingindo uma forma constituinte, chamada de ortopédica de sua totalidade, marcando assim, o desenvolvimento mental do bebê. Nesse período do estágio, o bebê passa da identificação com a imagem da mãe para a apropriação do próprio corpo, identificando-se com uma imagem própria, total e unificada simbolicamente. É a linguagem que viabilizará a distinção entre o eu e o não eu para a representação do próprio corpo, como estrutura para a subjetivação do eu.

Ao referir o estágio do espelho, Dor (1989/2003) organiza-o em três tempos, onde o primeiro marca a “... conquista progressiva da imagem do seu corpo” pag. 79. Isto é, quando a criança passa a ser capaz de perceber sua imagem corporal como uma realidade física. Nesse momento, ainda há uma confusão entre ela mesma e o outro.

Em um segundo momento, conforme Dor (1989/2003), a criança percebe que o outro do espelho é uma imagem, diferenciando assim, o que é a imagem da realidade do outro. O reflexo que vem do outro se dá através do olhar, dos gestos, do simbólico.

O terceiro tempo unifica as duas etapas precedentes, agora a criança está certa de que o reflexo do espelho nada mais é do que uma imagem, a sua própria. Neste momento a criança é capaz de recuperar a imagem, que outrora fora de um corpo esfacelado, para uma representação do corpo. “A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela, realiza assim sua identificação primordial” (DOR 1989/2003p.80).

Complexo de Édipo e Formação das Fobias

Segundo Freud (1923), no complexo de Édipo o sujeito deve abandonar seu objeto sexual, instalando-o dentro do ego, onde o mesmo acaba por substituí-los por identificação. Há uma transformação da libido objetual sexual em libido narcísica. Previamente a instalação do complexo de Édipo, o menino nutre uma relação de objeto afetuosa com a mãe e com o pai, identificando-se com este último. A partir da intensificação dos desejos sexuais do menino pela mãe, o pai passa a ser percebido como “obstáculo”, rivalizando-o, dando assim, origem ao complexo de Édipo. Neste momento a relação do menino com o pai é marcada pela ambivalência, ou seja, ao mesmo tempo em que existe o amor pelo pai, existe o desejo de livrar-se dele e tomar seu lugar junto à mãe. É neste momento que se instala o superego, através da introjeção das proibições paternas no ego, desta forma o ego fica protegido contra o retorno dos investimentos libidinais, estas tendências libidinais são em parte inibidas e parte sublimadas, transformadas em afeto e libido narcísica.

A ameaça de castração é o núcleo da dissolução do complexo de Édipo, pois por medo da perda do falo, ao perceber a diferenciação das genitálias, o menino “abre mão” da mãe (sem falo) para intensificar sua identificação com o pai (fálico). A ameaça de castração impulsiona o menino à saída do complexo de Édipo. Por outro lado, a menina ao perceber-se sem falo como a mãe, busca obter o desejado falo através do pai. Neste caso, assim como nos meninos, as características proibitivas repercutem na instalação do superego na menina.

Ainda no Complexo de Édipo, Freud (1923/1925) reafirma que, “A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização, uma espécie de sublimação, portanto”. Desta forma, a criança passa a transferir seu investimento libidinal em investimento social, e de aprendizagem.

De acordo com Lacan (1949/1998), o primeiro momento do Édipo é aquele onde a criança se julga ser o objeto de desejo da mãe, sendo assim, ela está substituindo a falta do

outro, o falo. Nessa fase a criança passa pela identificação fálica, onde acontece à mediação da castração, nesse momento a criança se depara com uma dúvida entre ser ou não ser o falo. Assim começa o segundo momento, onde ocorre à intrusão da presença paterna, o pai passa a privar a mãe do seu objeto de desejo, o objeto fálico. A criança passa por um momento de interdição e frustração, onde percebe que não é o objeto de desejo da mãe. Desta forma a mãe passa a aceitar a condição do pai, e assim a deslocar a criança de ser o objeto fálico, ela fica na dúvida se é ou não e passa a manter defesas de não castração. Na terceira etapa, o menino aceita não ser o falo materno e reconhece que o pai tem o falo que a mãe tanto deseja, e passa a identificar-se com o mesmo onde se dirige pela direção fálica apontada pelo pai, já a menina identifica-se com a mãe, porque percebe que ela sabe onde encontrar o falo.

Nesse sentido, é importante salientar que a resolução do complexo de Édipo, ou seja, a introjeção da proibição imposta pelo superego irá posteriormente transferir o objeto de desejo para outras situações. Esta transição implicará em um processo civilizatório para a criança, proporcionando que está possa relacionar-se de forma “normal” em relação ao mundo e investir no mesmo.

Sobre a Fobia Escolar

Segundo Johnson e colaboradores apud Ajuriaguerra (1998), a fobia escolar era inicialmente descrita como uma recusa, de motivação irracional, da criança a ir à Escola. As manifestações frente a esta recusa eram compostas de alto grau de ansiedade e reações de pânico. Mais tarde estes e colaboradores trazem como centro da reação patológica a ansiedade de separação da mãe, e não o medo da instituição em si.

Com relação à fobia escolar temos como dados de ocorrência um pico de incidência por volta dos 5-7 anos, havendo uma prevalência menor nos anos que se seguem. Podemos observar que, quanto mais imaturo o ego, maior a dificuldade de lidar com a ansiedade de separação, impedindo, muitas vezes, a criança de se afastar da mãe-objeto por longos períodos (AJURIAGUERRA, 1998). Quanto menor a criança mais difícil de diferenciar uma fobia escolar, quadro patológico, de uma crise ansiosa frente à separação do objeto. Ainda, quanto maior a “colagem” com a mãe, mais dificuldade da subjetivação do sujeito, e com isso menos espaço para simbolização.

Diante à sintomatologia, a criança apresenta reações extremas de ansiedade, choro, súplica na negativa de ir à escola, promessa de ir ao dia seguinte, fuga, também podem ser observados sintomas como vômito, dores abdominais, cefaleia. Em menor incidência estão os sintomas agressivos como empurrões e agitação psicomotora (AJURIAGUERRA, 1998). Nos

momentos em que a criança fica fora do contexto das atividades escolares, os sintomas se extinguem.

Segundo Ajuriaguerra, “as fobias são temores injustificados de um objeto ou de uma situação, cuja confrontação para o sujeito é fonte de uma intensa reação de angústia” (AJURIAGUERRA, 1998, p.273). Frente às fobias o sujeito lança mão de processos defensivos, podendo ser sempre as mesmas ou variadas, enquadrando as condutas de evitação e utilização de objeto contra fóbico. A recusa a ir à escola muitas vezes parte da demonstração de uma problematização edipiana, onde está pode ser a rivalidade excessiva para com o pai, mais nunca essa é unívoca, sempre há outros fatores relacionados frente a essa situação (AJURIAGUERRA, 1998).

A fobia escolar manifesta-se diante desconsideráveis formas de sintomas (variadas manifestações), entre elas estão: ansiedade de separação, dificuldade de dormir, pesadelos, agressividade na maioria das vezes para com a mãe, e também estado depressivo (AJURIAGUERRA, 1998). Essas manifestações acontecem devido à vontade de que a mãe a deixe em casa, quando isso acontece a criança se satisfaz, assim os sintomas são suspensos temporariamente, até o surgimento de uma nova situação similar.

Importância da Escola e da Família diante da fobia escolar: Encaminhamentos possíveis

Segundo Dolto (2007, p. 05), “A criança tem necessidade de sentir que gostam que ela se torne segura de si no espaço, cada dia mais livremente, que deixem que explore, que tenha experiência pessoal e relações com as pessoas de sua idade”. Assim, é de suma importância salientar o papel fundamental que a criança exerce e mais do que isso, precisa exercer diante da sociedade. A criança necessita de espaço e confiança para que possa se desenvolver no seu tempo habitual (DOLTO, 2007).

A criança confia em seus pais e essa confiança deve ser recíproca, porém quando há a falta dessa por parte dos pais, poderá ocorrer à instalação de distúrbios de desenvolvimento, ou seja, a criança não consegue se desenvolver por si só, sempre precisa do outro (pais) para desempenhar suas necessidades (DOLTO, 2007).

Segundo (ANNE CORDIÉ, 1996, p.28):

“Outra disparidade entre as crianças: é que diz respeito à crise que o sujeito atravessa nesse período chave de sua evolução. Em plena crise edipiana, ele deve renunciar à sua posição de criancinha protegida, garantida pelo meio familiar, e se tornar um ser social confrontado à lei do grupo”.

Diante da citação acima mencionada, é possível compreender que a criança na fase pré-escolar passa por um período-chave nessa transição, ou seja, a mesma está enfrentando a fase

do Édipo e para ir à escola terá que se afastar da mãe, o que para ela é muito difícil, já que nesse momento deixará de ser o objeto que satisfaz o outro para tornar-se o objeto desejante. A ansiedade de castração está presente neste momento de separação, onde a mãe precisa “soltar” seu filho, deixando de lado seus conflitos edípicos, caso contrário estará prejudicando o desenvolvimento do mesmo, vindo desta forma a contribuir para torná-lo um sujeito angustiado e fóbico. Essa fase de angústia de castração e superação é normal dentro do desenvolvimento infantil. Caso a criança no seu momento edípico tenha passado por dificuldades, estas podem refletir de forma negativa em sua vida escolar, podendo interferir até mesmo na sua inteligência lógica e seus futuros interesses escolares (ANNE CORDIÉ, 1996).

A escola age como um terceiro na relação mãe/criança, intervindo na relação entre elas. Com essa posição de “corte” fornece à criança as necessidades que precisa para se manter no ambiente escolar, dando-lhe a oportunidade de se sentir segura, criando uma situação que lhe permita permanecer na escola. Assim, propiciando que a criança elabore melhor o distanciamento dos pais. A escola agirá como esse terceiro que está faltando para a criança, onde a mesma se dará conta que é nesse local que poderá conhecer novos horizontes, e também conhecer a si mesma.

Segundo Winnicott (1999, p.216), “no início da idade escolar, a escola proporciona uma extensão e ampliação do lar”. O fracasso na inserção da criança na escola é de responsabilidade tanto da família, quanto da escola. Pois ambas não conseguiram dar conta das necessidades da criança nesse momento primordial.

É essencial que os pais consigam superar seus anseios de “soltar seu filho” vindo assim a introduzir no mesmo a confiança e assegurar-lhes que estão prontos para essa nova etapa. A família é uma estrutura de suma importância para a criança, esta tem dupla função no seu papel estruturador.

Primeiramente na satisfação das necessidades básicas como a alimentação, calor, abrigo e proteção, proporcionando um ambiente favorável para que a criança se desenvolva física, mental e socialmente melhor. Muitas vezes acontece da própria criança querer justificar sua recusa a ir à escola, como medo de perder algum ente de sua família (AJURIAGUERRA, 1998). A mãe muitas vezes é o marco que cobre essa fobia, com suas atitudes superprotetoras, a criança fica insegura e se submete a permanecer nesse elo vicioso, onde ela possui um medo incontrolável e a mãe a protege desse medo, aceitando sua recusa a ir à escola, impedindo-a de desenvolver suas potencialidades como sujeito.

Conforme Winnicott (1996), a família consiste em um grupo, onde a estrutura se relaciona diretamente com a formação da personalidade da criança, pois esta é o primeiro grupo

a qual ela pertence. Também salienta que a família possui um lugar definido para a relação da criança para com a sociedade, assim como a relação da criança com a mãe evidencia a base da saúde mental do sujeito.

Existem diversas abordagens entre elas: a abordagem terapêutica, onde está se prolonga por mais tempo, e não se podem esperar resultados imediatos, porém o sintoma de ansiedade pode ser trabalhado mais rapidamente, vindo assim a deixá-lo menos perceptível. A abordagem familiar no caso de fobia escolar, devido à angústia de separação, é uma abordagem fundamental, onde se pode restituir a função simbólica paterna.

A terapia com crianças que apresentam angústia de separação é muito importante. Quando há recusa escolar, o retorno à instituição deve ser o mais breve possível, para evitar que a situação se cronifique e ocorra evasão escolar. Deve haver uma sintonia entre a escola, os pais e o terapeuta quanto aos objetivos, conduta e manejo. O retorno deve ser gradual e monitorado, pois se trata de uma readaptação, respeitando as limitações da criança e seu grau de sofrimento e comprometimento. Dentro do tratamento da criança são de extrema importância as intervenções familiares, pois estas objetivam conscientizar a família sobre o transtorno, auxiliá-los a aumentar a autonomia e a competência da criança e reforçar suas conquistas.

De acordo com Nádya Bossa (2008), no tratamento de crianças com Transtorno de Angústia de separação e Fobia escolar, o terapeuta deve, assim como a família e a escola, adaptar-se às necessidades desta criança. O terapeuta infantil, dentro da perspectiva psicanalítica, deve dar atenção especial a fase do desenvolvimento em que a criança se encontra, dirigindo sua escuta para as manifestações do inconsciente, deixando as manifestações dos sintomas em segundo plano. Os sintomas presentes no quadro da Fobia escolar surgem como defesas frente a angústia resultante dos conflitos. Quando o terapeuta trabalha a angústia, resultante da situação conflitiva, a defesa se desfaz, conseqüentemente, os sintomas desaparecem.

Quando o terapeuta, em sua abordagem clínica, tira o foco dos sintomas (recusa escolar, dores abdominais, cefaleia, vômito, choro, etc.), isso proporciona que a criança fique menos resistente ao tratamento, pois ela encontrará no espaço analítico um espaço adequado as suas necessidades.

Diz Dolto (*in* MANNONI, 1980, p.26), “A partir dos sete anos o lugar da criança já não é na família, mas na sociedade, na escola, lugar não privilegiado, mas respeitado pelo simples fato de que ela é um cidadão”. A respeito da citação, é evidente salientar que a criança necessita de seu espaço, como sujeito para poder se desenvolver como tal, sem que haja a proteção alheia de seus progenitores.

CONCLUSÃO

Diante da resolução do estudo, é possível notar o impactante conflito que a criança em idade pré-escolar se depara no início de sua jornada escolar. O apego inicial entre a criança e a mãe é a base a partir da qual se desenvolvem as relações posteriores da criança e através da qual a criança constitui seus modelos internos do mundo, do eu e das figuras de vinculação. Porém, essa é uma construção ativa que se dá ao longo do desenvolvimento infantil, esta é por sua vez, de suma importância para o ingresso da criança na escola, que se dá como uma aquisição fundamental para o crescimento sócio afetivo. A educação pré-escolar contribui de maneira notável para o processo de socialização da criança, esta, muitas vezes, percebe-se incapaz de ultrapassar este obstáculo. Nota-se que nesse período a criança passa por muitas mudanças, e devido a sua angústia e a de seus pais, acaba por, muitas vezes, não conseguir enfrentar essa fase. A ida regular à escola na verdade traz consigo, a angústia de se separar de seus pais. Essa angústia acaba sendo transferida para um objeto, que nesse caso é a escola, passando a estabelecer defesas como sintomas para então se afastar do mesmo.

A criança nesse momento está passando por uma nova fase em sua vida, onde seus pais são as principais fontes de superação para esta etapa, a importância da família no desenvolvimento da criança está muito ligada ao tema das “relações de vinculação”. Sendo assim, é importante ressaltar que as crianças muito apegadas às mães e rotuladas pelas mesmas como inseguras e dependentes, acabam por se tornarem mais ansiosas e temerosas do que as demais. É neste momento de separação que a criança começa a perceber-se como independente de sua mãe. Essa mudança ocasiona certo desconforto, esse sentimento não é diferente para a mãe, pois esta, neste momento de separação física do filho, passará a reviver separações pelas quais ela própria enfrentou, e mesmo que tenha tido êxito, ainda assim será difícil, pois estará lidando com uma experiência emocional intensa. É muito importante que os pais se mantenham com confiança total em seus filhos na hora de deixá-los na escola, pois dessa maneira estarão transmitindo a eles que são capazes.

Neste processo, a linguagem acrescenta como um sistema simbólico fundamental, onde os pais devem manter esse simbolismo como forma de incentivo para com seu filho (a), de maneira a encorajá-los que são capazes de enfrentar seus medos e anseios. A autoconfiança é um aspecto poderoso que contribui para a criança no momento de ultrapassar desafios difíceis, essa autoconfiança se dá através da forma como seus pais a veem, fornecendo-os a persistência e perseverança de que precisam para superar seus anseios. A adaptação ao meio diferenciado em que está sendo inserido, também é outra competência determinante para a afirmação positiva

da criança, pois desta forma, aprendem a ser flexíveis, permitindo-se lidar com variadas situações em que irão se deparar em diferentes momentos da vida.

A trajetória que antecede a chegada da criança à escola tem papel fundamental para minimizar os problemas que venham a surgir nessa fase inicial. A escola age como uma mediadora frente ao conflito da criança, de forma a se disponibilizar e proporcionar um ambiente de confiança e respeito para a criança. É muito importante que a escola e a família criem laços entre si, promovendo um processo educativo conjunto, para que a criança se sinta segura e confortável, sempre reforçando e favorecendo atitudes positivas sobre os seus quotidianos presentes e futuros. Dessa forma a criança entende que esse momento é muito positivo para ela, conscientizando-se de que “existe” e sente “desejos”, passando assim a querer satisfazê-los. A terapia infantil também é outro elo fundamental na organização da criança, partindo do ponto de vista de aprimorar o olhar para a angústia e não o sintoma em si. É de extrema importância no desenvolvimento integral da criança, que a família entenda que seu papel é decisivo para que ela aprenda a viver em sociedade, buscando para si toda a forma de integrar-se como sujeito ao meio social em que está inserida. A criança se “desprende” da família e põe em ação o contato direto com crianças de sua idade, criando novos vínculos, vindo dessa forma a manter um desenvolvimento saudável.

Por fim, cabe salientar uma frase de Winnicott, que resume o real entendimento desse artigo: “Esconder-se é um prazer, mas, não ser encontrado é uma catástrofe”. Para um desenvolvimento sadio e posteriormente uma vida adulta saudável, dotada de confiança e autonomia, é preciso libertar-se, mais do que isso, é preciso confiar e ser investido de confiança pelas pessoas que nos cercam, somente desta forma seremos sujeitos completos, capazes de nos afirmar nas mais diversas áreas sociais.

REFERÊNCIAS

- BOSSA, A, N. Fracasso Escolar: Um olhar Psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CABRAL, A; NICK, E. Dicionário Técnico de Psicologia, 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHO, M, T, M. Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional; *Psicol. estud.* v. 17 n. 3, Maringá Jul/Set, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722012000300014&lang=t>. Acesso em: 21.Out 2016
- CORDIÉ, A. Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DOLTO, F. As etapas decisivas da infância. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

- DOR, J. Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FRANÇA, R; ROCHA, Z. Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança; *Psicol. USP* vol.26 no.3 São Paulo Set/Dec, 2015. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642015000300414&lang=pt>. Acesso em: 27. Out 2016
- FREUD, S. Inibição, sintomas e ansiedade: um estudo autobiográfico e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MAHLER, M. O processo de separação-individuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MANONI, M.A primeira entrevista em psicanálise. Prefácio Françoise Dolto; tradução Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Elsevier, 1980. 26ª reimpressão.
- MARCELLI, D. Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PALMA, P. A. J. R; COSTA, M, M, A. Considerações sobre a relação entre trauma, pulsão e fantasia na estrutura da neurose; *Ágora* (Rio J.), v. 18, n. 2, Rio de Janeiro July/Dec. 2015. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15114982015000200195&lang=pt>. Acesso em: 20. Out 2016
- REVISTA, Associação Psicanalítica de Porto Alegre. APPOA Eletrônico. Número 40. Porto Alegre: 2011.Disponível em: <http://www.apoa.com.br/revista/o_infantil_na_psicanalise/665#.WBcsQC0rLIU>. Acesso em 30 de out.2016.
- REVISTA, Associação Psicanalítica de Porto Alegre. APPOA Eletrônico. Número 36. Porto Alegre: 2009. Disponível em:<http://www.apoa.com.br/revista/clinica_da_angastia/408#.WBct-C0rLIU>. Acesso em 30 de out.2016.
- REVISTA, Associação Psicanalítica de Porto Alegre. APPOA Eletrônico. Número 38. Porto Alegre: 2010. Disponível em: <http://www.apoa.com.br/revista/estruturas_clinicas/410#.WBcvFC0rLIU>Acesso em 30 de out.2016.
- REVISTA, Associação Psicanalítica de Porto Alegre. APPOA Eletrônico. Número 22. Porto Alegre: 2002. Disponível em: <http://www.apoa.com.br/revista/psicopatologia_do_espaco_e_outras_fronteras/394#.WBcwNy0rLIU>. Acesso em 30 de out.2016.
- WINNICOTT, D.W. Privação e Delinquência. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes,1999.
- WINNICOTT, D. W. Pensando sobre as crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ZIMERMAN, D. Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. Porto Alegre: Artmed, 2008.